



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I (SEDE)
CENTRO DE EDUCAÇÃO (CEDUC)
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARIA VITÓRIA DE FARIAS

OS CONTOS DE FADAS NA FORMAÇÃO LEITORA DE CRIANÇAS PEQUENAS

**CAPINA GRANDE
2023**

MARIA VITÓRIA DE FARIAS

OS CONTOS DE FADAS NA FORMAÇÃO LEITORA DE CRIANÇAS PEQUENAS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Moura Montenegro

CAMPINA GRANDE
2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F224c Farias, Maria Vitoria de.
Os contos de fadas na formação leitora de crianças
pequenas [manuscrito] / Maria Vitoria de Farias. - 2023.
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Moura
Montenegro, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Contos de fada. 2. Formação de leitor. 3. Criança. I.
Título

21. ed. CDD 372.6

MARIA VITÓRIA DE FARIAS

OS CONTOS DE FADAS NA FORMAÇÃO LEITORA DE CRIANÇAS PEQUENAS

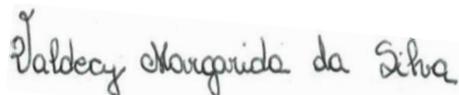
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 29/08/2023

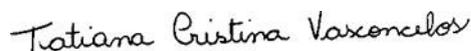
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro - Orientadora



Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva



Profa. Dra. Tatiana Cristina de Vasconcelos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA	06
3	A RELEVÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO	10
4	UMA IMERSÃO NOS CONTOS DE FADAS: Breve análise	13
4.1	ANÁLISE DO CONTO: A BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES	16
4.2	ANÁLISE DO CONTO: CINDERELA	19
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	23

OS CONTOS DE FADAS NA FORMAÇÃO LEITORA DE CRIANÇAS PEQUENAS

Maria Vitória de Farias¹

RESUMO

A literatura infantil é um caminho que possibilita a imersão em um mundo completo de descobertas, desafios e conhecimentos relevantes a todos que querem ter um imaginário e desenvolvimento integral. Nesse estudo, defende-se que os contos de fadas são relevantes para o desenvolvimento infantil, pois estimulam a imaginação, promovem valores morais, ajudam a lidar com medos e emoções, e desenvolvem habilidades cognitivas e sociais. A escolha por este tema surgiu no contexto da formação em Pedagogia, quando pude perceber na prática a importante contribuição que a literatura infantil, em especial os contos de fadas, tem na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. Assim, o presente trabalho tem como objetivo discutir sobre a contribuição dos contos de fadas na formação de leitores pequenos. Assim, foi realizado um estudo teórico, com base em artigos e livros sobre o tema. Diante disso, a fundamentação teórica ajudou a evidenciar que os contos de fadas proporcionam um mundo de fantasias ao qual a criança se deleita, mas também possibilita uma compreensão do mundo. Assim, o estudo foi respaldado em autores como Abramovich (1995), Cademartori (1994), Villardi (1999) e outros. A partir da análise de dois contos dos Irmão Grimm, Branca de Neves e os sete Anões e Cinderela, foi possível refletir sobre o papel da família e dos professores na formação de leitora infantil.

Palavras-chave: Contos de Fadas; Formação Leitora; Crianças.

ABSTRACT

Children's literature is a path that allows immersion in a complete world of discoveries, challenges and knowledge relevant to everyone who wants to have an integral imagination and development. In this study, it is argued that fairy tales are relevant to child development, as they stimulate imagination, promote moral values, help to deal with fears and emotions, and develop cognitive and social skills. The choice for this theme arose in the context of training in Pedagogy, when I was able to see in practice the important contribution that children's literature, especially fairy tales, has in children's learning and development. Thus, the present work aims to discuss the contribution of fairy tales in the formation of young readers. Therefore, a theoretical study was carried out, based on articles and books on the topic. In view of this, the theoretical foundation helped to highlight that fairy tales provide a world of fantasies that children delight in, but also enable an understanding of the world. Thus, the study was supported by authors such as Abramovich (1995), Cademartori (1994), Villardi (1999) and others. From the analysis of two tales by the Brothers Grimm, Snow White and the Seven Dwarfs and Cinderella, it was possible to reflect on the role of family and teachers in the formation of children as readers.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia – UEPB.

Keywords: Fairy tale; Reading Training; Children.

1 INTRODUÇÃO

A literatura infantil é um caminho que possibilita a imersão em um mundo completo de descobertas, desafios e conhecimentos relevantes a todos que querem ter um imaginário e desenvolvimento integral. A literatura é uma arte e justamente por ser uma arte, é necessário que o envolvimento do sujeito seja repleto de prazer e emoção, tendo em vista que a arte envolve todo o ser, o mais profundo de cada pessoa. Assim como acontece com toda grande obra de arte, o significado mais profundo de um conto de fadas tende a variar consideravelmente de pessoa para pessoa.

Uma criança, dependendo de seus interesses e necessidades no momento, extrairá interpretações distintas de uma mesma narrativa. É notável que um conto de fadas possa conter relevância e valor tanto para uma criança de cinco anos quanto para uma de treze, mesmo que essas idades distintas resultem em extrações de significados pessoais completamente discrepantes.

A literatura infantil pode mudar a visão que a pessoa tem do mundo e da vida e até de si mesmo. A literatura é um componente fundamental na formação do ser humano, com raízes antigas. No entanto, o conceito de literatura infantil emerge quando a infância passa a ser considerada um campo de estudo e interesse específico.

Abordar o tema da literatura infantil nos remete também a uma abordagem sobre os contos de fadas ou como muitos dizem, histórias de fadas. Assim, este trabalho tem como propósito central fazer com que o leitor perceba a contribuição dos contos de fadas no desenvolvimento das crianças. Nesse estudo, defende-se que os contos de fadas são relevantes para o desenvolvimento infantil, pois estimulam a imaginação, promovem valores morais, ajudam a lidar com medos e emoções, e desenvolvem habilidades cognitivas e sociais.

É através dessas histórias, tão antigas, mas ao mesmo tempo tão necessárias atualmente, que a criança vai aguçar sua imaginação e sua criatividade, desse modo também irá fazer paralelo entre a história e a sua realidade, suas semelhanças e diferenças, o que resulta numa construção de visão de mundo tendo como degrau inicial o contato com a literatura infantil. Segundo Villardi (1999, p. 11) “há que se desenvolver o gosto pela leitura, a fim de que possamos formar um leitor para toda vida”.

Segundo Mello (2022) para capturar a atenção de uma criança em uma história, é essencial cativá-la e despertar sua curiosidade. No entanto, para enriquecer sua vida, é igualmente importante estimular sua imaginação, ajudando-a a desenvolver seu intelecto e a compreender seus próprios sentimentos e emoções. Isso deve ser feito mantendo um equilíbrio entre suas ansiedades e desejos, reconhecendo suas dificuldades e, ao mesmo tempo, oferecendo soluções para seus problemas. Em resumo, a história deve estar intimamente relacionada com os aspectos da personalidade da criança, nunca subestimando a seriedade de seus desafios, mas sim demonstrando total respeito por eles, promovendo assim a confiança da criança em si mesma e em seu próprio futuro.

A escolha por este tema surgiu no contexto da formação em Pedagogia, mas especificamente, nos estágios supervisionados, quando pude perceber na prática a importante contribuição que a literatura infantil, em especial os contos

de fadas, tem na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. Assim, o presente trabalho tem como objetivo discutir sobre a contribuição dos contos de fadas na formação de leitores pequenos.

2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

Antes de abordar sobre a relevância da literatura infantil nas escolas, é necessário conhecer sua origem, como se deu o surgimento dessa arte. A literatura infantil teve seu início no século XVIII, numa época em que as crianças ainda estavam começando a ser tratadas como deveriam. Segundo Barros (2013), antes não existia a preocupação com o grupo infantil, a realidade cruel e apática desse tempo tratava as crianças como “pequenos adultos” e os adultos só tinham uma função: trabalhar.

Os primeiros indícios de literatura voltada para o público infantil foram criados na França e depois foram se espalhando pela Inglaterra. Com isso, podemos nos perguntar: “ E antes, as crianças tinham acesso a literatura? ”, a resposta é: sim! Elas eram tratadas como adultos e por este motivo tinham acesso a livros que eram destinados a essa faixa etária. Os nobres liam os clássicos, tinham suas coleções e ao mesmo tempo os pobres tinham acesso as fábulas, histórias folclóricas da época, assim também como o cordel, que era popular entre eles, afinal de contas a maioria da população era analfabeta, os estudos eram algo muito caro e não tinha possibilidades de um camponês ter acesso a tutores e mestres.

Com o passar do tempo o público foi dando mais notoriedade às leituras infantis e cada vez mais foram surgindo escritores interessados em produzir obras que alimentassem o imaginário das crianças e, o mais curioso é que, na maioria dessas obras, sempre existia o cunho moralizante, o qual ensinava os valores que são necessários na vida de qualquer ser humano, como por exemplo, amizade, respeito, gratidão, amor, perdão, benevolência, diligência, entre muitos outros. Os escritores mais conhecidos e que deram início a esse trabalho na literatura infantil ou infantojuvenil foram: Perrault, os Irmãos Grimm, Andersen, Lewis Carrol, Bush, Collodi. Em nosso país, depois do sucesso da história “O patinho feio”, do escritor Andersen, veio o famoso Monteiro Lobato no século XX com o primeiro de muitos livros infantis, “Narizinho arrebitado” (CADEMARTORI, 1994).

Aqui no Brasil, as pesquisas apontam que poucas crianças tem o hábito de ler e várias delas só tem contato com os livros infantis na escola e, é, justamente, por esse motivo que é de suma importância trabalhar de forma prazerosa a literatura na escola, especialmente na Educação Infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, de modo que se dê chance às crianças de conhecerem e se apaixonarem pelo mundo da leitura, pelo mundo do imaginário, pelo mundo do encantado, para que elas possam se desenvolver melhor em todos os aspectos, não apenas na questão de aprender a escrever e ler (OLIVEIRA; FREITAS, 2020; SILVA; BARROS; NASCIMENTO, 2012; RODRIGUES; OLIVEIRA, 2022).

Quando a literatura é bem explorada em sala de aula e, ao mesmo tempo, quando o professor proporciona momentos de rodas de leituras, dramatização das histórias, atividades lúdicas relacionadas as leituras, a criança fica feliz e interage mais, começa a relacionar a literatura apreciada em sala com sua

realidade e dessa forma consegue entender as questões pessoais e sociais. Segundo Bettelheim (1996, p. 13)

[...] Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações, reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam...

Portanto, quando o docente tem essa visão mais ampla, entende realmente o poder que a literatura infantil tem na vida das crianças, começa-se a ter um diálogo na sala, quando o docente não apenas ler ou conta uma história (seja ela clássica ou mais recente) e sim, dá a oportunidade de os alunos usarem sua criatividade para que a partir daquela história eles comecem a criar e escrever uma nova versão, isso faz com que a criança trabalhe com a literatura usando o seu panorama, adicionando na história suas vivências, retratando o que faz parte muitas vezes do seu cotidiano. Segundo Abramovich (1995, p. 17)

ler histórias para crianças, sempre, sempre ... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento ... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram ...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo) ... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança) ... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas ...

Com isso, entendemos que só teremos crianças interessadas em livros se elas tiverem essa oportunidade de leituras prazerosas, pois, serão nesses momentos que elas poderão se desenvolver em diferentes aspectos, como por exemplo: imaginário, cognitivo, sentimental, social, entre outros. É esse o modelo de trabalho que desejamos nas escolas. É necessário que a criança aprenda com alegria, desejo e criatividade, desse modo conquistaremos mais pequenos leitores, o que muitos precisam entender é que na literatura infantil o conhecimento se dá através de brincadeiras, fantasias, criatividade.

No mundo de imaginações, não se pode tirar essas vivências das crianças, esse caminho que, lamentavelmente, algumas pessoas ignoram ou acham irrelevante, na verdade é o primeiro degrau para a formação de um futuro leitor, é o início de uma construção que dará frutos excelentes. E para que as crianças sejam íntimas dessa arte, que é a literatura, não se pode negligenciar ou abdicar o dever que os pais têm de incentivarem seus filhos no mundo da leitura, fazer com que no cotidiano de seus filhos tenha livros, e também é importantíssimo os pais ou responsáveis adquirir o hábito de ler para suas crianças, dessa forma elas irão seguir o exemplo e como boas imitadoras que são, vão querer ler também.

No entanto, a realidade é bem mais complexa, pois não são todas as famílias que podem proporcionar essas condutas para suas crianças, há diferentes realidades como por exemplo, muitas crianças brasileiras têm pais analfabetos, outras não têm condições financeiras para adquirirem livros mesmo os mais acessíveis possível: Não seria de forma alguma inteligente e adequado ignorar tais questões sociais que surgem como obstáculos para formação de crianças amantes da leitura; e com essa divergência podemos ficar nos perguntando como certas crianças irão ter acesso ao mundo da leitura, desde cedo, se sua base familiar não consegue proporcioná-la tal coisa e, é, exatamente, nesse momento que surge o papel escolar.

A instituição escolar tem a responsabilidade de ajudar principalmente esses sujeitos que, por inúmeros fatores, são impedidos de ter contato com a cultura, mais especificamente, com a ciência dos livros. Portanto, quando a escola cumpre seu papel educacional e, na sua prática docente, não se restringe a, apenas, uma atividade para decodificar e, sim, conhecer e explorar questões como as culturas e modos de vida, os quesitos geográficos, históricos, filosóficos, entre muitos outros pilares da sociedade; e os pais ajudam nesse ensino e proporcionam essa proximidade com a literatura infantil, não há dúvidas de que essas crianças e jovens serão excelentes leitores e pessoas que farão a diferença na sociedade.

Afinal de contas, esse é o objetivo central da literatura, ajudar o ser humano a ser melhor, se desenvolver interna e exteriormente. Pois, não haveria sentido se a literatura infantil não proporcionasse essa mudança no ser humano, não é à toa que nos referimos a ela como arte, a arte tem a capacidade de mexer em todo nosso ser, causar grandes mudanças e nos proporcionar uma nova visão de mundo, novas ideias e sensações, que contribuirão para sentimentos saudáveis. De acordo com Barros (2013)

Quando se fala de literatura, fala-se de uma relação bastante estreita entre leitor e leitura. O leitor, no momento da leitura, ativa sua memória, relaciona fatos e experiências e entra em conflito com seus valores. Nesse aspecto a Literatura Infantil torna-se uma grande aliada da escola em suas várias possibilidades: divertindo, estimulando a imaginação, desenvolvendo o raciocínio e compreendendo o mundo (BARROS, 2013, p. 21).

Neste aspecto vale salientar como é necessário voltar atenção para a leitura infantil, como está a compreensão base da criança, observar se tais apreciações são de qualidade e se proporcionam, segundo Barros, a imaginação, o divertimento e o raciocínio. A literatura infantil transformou-se em uma importante ponte que aproxima a criança com o adulto, seja no seio familiar ou no ambiente escolar, ambos ganharam uma aliada para ajudar-lhes com a educação e ensino de suas crianças e jovens.

Outra questão relevante a ser lembrada é justamente o auxílio que uma boa leitura traz, especialmente para as crianças da atualidade que em sua maioria esmagadora passam horas em frente a telas, seja de televisão, tablet, computador ou celular. São casos que estão deixando os especialistas muito preocupados, pelo fato de muitas crianças estarem adoecendo física e mentalmente pelo excesso de telas.

É de suma importância que a escola incentive o hábito da leitura desde o primeiro contato das crianças com a escola. “Fazer de cada criança um leitor requer atividades diárias em que a garotada tenha a oportunidade de ler, trocar

ideias, comentar notícias e muito mais” (ZIEGLER, 2007, p. 35). Segundo Bresciane (2013)

Ler para as crianças é igualmente importante para elas se familiarizarem com o hábito da escuta. Os temas, é óbvio, devem estar de acordo com os interesses mais genuínos da idade, como afazeres cotidianos, bichos etc.” (2007, p. 17).

Ou seja, quanto mais cedo a criança conhece e interage com o texto literário, mais cedo ela vai gostar e passar a querer com frequência o texto literário, logicamente só se gosta e ama aquilo que se conhece. É impossível gostar de algo que não se tenha conhecimento.

Outro detalhe que faz toda diferença é o cuidado e a atenção ao escolher os livros e/ou histórias que serão lidas para o público infantil, o intuito central é trazer o sujeito para o hábito da leitura, é fazer com que o mesmo tenha prazer em ler. Então, se a leitura escolhida é longe da realidade daquela criança, se a leitura escolhida não é apropriada para a faixa etária dela e não é apropriada para aquele momento da vida em que ela se encontra, isso irá lhe causar decepção, desconforto e traumas. Afastando dessa forma aquela pessoa da literatura.

Antes de ler a história para a criança é extremamente necessário que o adulto leia a mesma antes, preste atenção no que o livro traz como mensagem ou tema, porque algumas vezes os professores escolhem o livro pela capa e por terem uma rotina agitada e corrida não leem anteriormente o livro e com essa atitude equivocada acabam gerando um momento malsucedido em sala de aula, pois o aluno não estava preparado para escutar ou ler sobre determinado assunto.

Relato aqui um caso de anos atrás, onde uma professora do município de Campina Grande-PB, certo dia, pegou um livro infantil e não o leu antes, não se preocupou em saber se aquela literatura era oportuna naquele dia, apenas achou a capa interessante e o título não passava uma ideia direta sobre a história.

Então, reuniu a turma, fez a roda de leitura e, simplesmente, um dos alunos começou a chorar inconsoladamente, e naquele dia, não houve mais aula, a professora passou o tempo tentando consolar o aluno, e o motivo foi justamente porque o livro que ela trouxe relatava sobre o sentimento de medo e como um dos personagens sofreu com o luto e aprendeu a seguir em frente, mas o que a docente não sabia era que aquele aluno tinha perdido sua mãe recentemente e estava com toda certeza, sofrendo com o luto.

Uma situação dessas deveria ser cuidadosamente planejada para evitar que a oportunidade de tratar um tema tão relevante fosse desperdiçada. Assim, é necessário conhecer a realidade da sua turma para, de posse disso, selecionar o livro a ser lido. Pois, é de suma importância que os primeiros contatos que o sujeito tem com o mundo da leitura devem ocorrer de forma prazerosa, devem envolver aquela pequena pessoa num misto de sentimentos e emoções positivas. A seguir, passaremos a tratar sobre a importância dos contos de fadas na formação do leitor.

3 A RELEVÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

A literatura infantil é composta por uma gama variada de gêneros literários, entre eles estão o conto, a fábula, o poema, a crônica, a lenda, a parlenda, dentre outras. O que chama a atenção é o fato de que alguns dos gêneros na literatura infantil sempre traz ficção, nos lembrando constantemente que o público alvo está em processo de formação, e, portanto, essa arte das palavras possibilita o pequeno leitor a construir novas narrativas e diferentes conclusões acerca da história. Quando a criança é apresentada aos livros desde cedo e a literatura faz parte do seu cotidiano ela vai desenvolver várias habilidades, como por exemplo, a imaginação, o vocabulário, a interpretação, sua maneira de se comportar, sua comunicação; então tudo isso vai sendo enriquecido através da literatura infantil. Aqui ressaltarei a relevância dos contos de fadas na vida das crianças, especificamente, as pequenas.

Uma das definições mais importante é que “o conto é um relato em prosa de fatos fictícios” (KAUFMAN; RODRÍGUEZ, 2005, p. 21). O texto ficcional abrange o imaginário pessoal e coletivo, quando o professor ler ou conta histórias o aluno automaticamente se reporta ao ambiente em que a história está sendo narrada, e assim, participa de toda a trama envolvendo os personagens presentes no enredo. O conto se destaca, no público infantil, pelo fato de possuir uma parcela de realidade em meio a fadas, bruxas, animais falantes, dragões e etc, esse misto de fantasia e vida real produz na criança uma gama de sensações que ela, em muitos momentos, não consegue explicar, apenas desfrutar.

Sabemos que no conto sempre vemos um início onde há harmonia, um estado de conformidade, logo após surgem os problemas e desafios, os quais irão obrigar o personagem a mostrar sua personalidade. É neste respectivo desenrolar dos conflitos que conheceremos se o personagem terá uma conduta boa ou má, depois dos dois lados da moeda serem mostrados na história vem o final trazendo aquela sensação de dever cumprido, onde ocorreu o embate com os desafios e eles foram vencidos, e tudo acaba em seu devido lugar havendo novamente a harmonia na vida.

Em concordância com Chesterton (2005) quando ele cita: “Contos de fada não dizem às crianças que dragões existem. Crianças já sabem que dragões existem. Contos de fadas dizem às crianças que dragões podem ser mortos” (CHESTERTON, 2005, ONLINE).

Então, nessa perspectiva chestertoniana aprendemos como os “bons” contos de fadas melhoram a vivência do ser humano, não apenas as crianças, mas, sim, pessoas de todas as faixas etárias, pois os contos nos trazem reflexões necessárias, fazendo ligação com determinadas escolhas que temos em nossa vida ou momentos ímpares que todo ser humano vive (CHESTERTON, 2013).

O autor nos relata que não são os contos de fadas que irão apresentar a visão do bem e do mal para o pequeno leitor, pelo contrário, a partir do momento que a criança vai crescendo, ela vai criando experiências concretas do que é bom e ruim, mesmo que ainda de uma forma muito ingênua. Portanto, o que essas histórias mostram é justamente como usar o bem para vencer o mal, também como cada lado tem suas consequências ambas deveras impactantes, tudo isso vai sendo relacionado a sua própria jornada.

Segundo Chesterton (2013) a complexidade subjacente aos contos de fadas representa, de fato, o sistema educacional humano ancestral e contínuo. Embora um dragão de sete cabeças possa ser considerado um monstro verdadeiramente aterrorizante, uma criança que nunca teve contato com essa narrativa representa um tipo de temor ainda mais profundo. De maneira análoga, a concepção de uma criatura como um grifo extravagante ou uma quimera não parece tão absurda quanto a ideia de uma instituição educacional que exclua os contos de fadas de seu currículo.

Em outras palavras, o número de pessoas que ainda desconhecem ou fazem pouco caso da importância dos contos de fadas na formação do sujeito, ainda é alto. O belo nessas histórias é exatamente o fato de serem clássicas, de estarem há gerações impactando mentes e corações. Se analisarmos bem, tais contos não teriam relevância se não possuíssem ensinamentos profundos sobre a filosofia de vida e seu embate com os diversos enigmas da vida real, essa ponte que leva o fictício à realidade é de uma beleza que consegue encantar diferentes gerações, diferentes culturas. Portanto, quando Chesterton faz um paralelo entre um “dragão de sete cabeças” e uma criança que desconhece as histórias de fadas é justamente com o propósito de mostrar como tal pessoa terá lacunas que poderiam ter sido evitadas se na base de sua educação tivesse tido contato com esse mundo da leitura, (especificamente dos clássicos) que por sinal é tão rico e vasto.

Os contos de fadas educam de forma indireta, nos mostrando emoções que precisamos lidar e controlar no cotidiano, como por exemplo, felicidade, ódio, inveja, ciúmes, tristeza, nojo, surpresa entre outras. Seguindo esse raciocínio, devem ser explorados nas escolas os diferentes contos, mais ainda na educação infantil que é a base, é nela que se cultiva o imaginário do alunado, porém, o professor precisa ter claro em sua mente que a criança precisa sentir prazer nas leituras para que haja paixão pela literatura, do contrário, veremos um resultado frustrante e alarmante.

Na escola também precisam ser ensinados os valores da vida, desse modo teremos cidadãos melhores no mundo, pois na escola a criança também precisa conhecer as condutas do convívio em sociedade, sem esse conhecimento, o ensinamento restrito apenas ao didático perde o sentido, afinal de contas, um ser humano que não convive bem em sociedade, não tem ética, moral e não respeita sequer a si próprio, não aprendeu o essencial da vida.

Por este motivo é de suma importância a equipe pedagógica da escola sempre incluir os clássicos da literatura infantil em seus trabalhos, com eles todos podem avaliar e aprender mais sobre os seus próprios valores como também com os do próximo, pois é próprio dos contos de fadas possuírem situações mostrando como devemos ter atitudes, causando, assim, nos leitores, sejam eles crianças ou adultos, um sentimento ou intuição sobre como o mundo funciona.

Aqui faço questão de deixar claro que, essa pesquisa não tem o intuito de afirmar que uma pessoa que tem vasto conhecimento dos contos de fadas (e que por sinal nutre uma admiração pela literatura no geral) seja um exemplo de vida ou exale sabedoria, uma coisa não tem sentido algum com a outra, há vários seres humanos que detém conhecimento sobre diversos tipos de histórias de diferentes áreas do conhecimento, em contrapartida, tomam decisões pérfidas em sua existência.

Façamos uma comparação simples, mas que se encaixa perfeitamente neste caso: uma pessoa está diante de uma esplendida partitura musical, porém não consegue executar a música que ali está registrada, desse modo é lógico que não teremos a bela canção para nos deleitar.

Assim acontece com quem tem diante de si várias histórias lindas que possuem bons ensinamentos e mesmo assim não sabe como ter uma vida bela e virtuosa, porque uma vida bela e exemplar não se constrói apenas lendo contos de fadas ou outros tipos de literatura, tal vida se dá com uma gama de outros conhecimentos que provém da filosofia, da religião, da cultura e da nossa síntese pessoal que precisamos fazer em nossa jornada, ou seja, da nossa experiência de vida, no fim das contas só se aprende a viver vivendo. Mas é evidente que os contos de fadas nos ajudam profundamente a compor nossa personalidade, tendo em vista que os mesmos nos ensinam a compreender melhor como é a toada do mundo.

Quando bem trabalhados, os clássicos da literatura infantil exercem um papel muito significativo na formação do pequeno leitor, segundo Sousa, França e Barreto (2010, p. 4):

[...] Auxiliam na formação de leitores críticos e profícuos que se utilizam da literatura de forma consistente e regular, configurando-se assim abrangência cognitiva, podendo ter contato com novos conhecimentos, novas ciências e novas informações que podem ser fator decisivo no desenvolvimento deles enquanto seres humanos e cidadãos. Podem, nesse contexto, vir se transformar em agentes de reforma e transformação do ambiente que vive coexistindo todos esses aspectos do processo de leitura com o prazer e o entretenimento ocasionado na prática literária, suscitada e estimulada em sala de aula.

Neste ponto de vista, entende-se que a relação texto-aluno deve começar de uma forma dinâmica, o aluno precisa sentir e entender o que o texto quer lhe informar algo, então se o docente inicia esse processo com afetividade e construindo uma ponte entre o aluno e a obra literária, estimulando ele na prática da leitura, dessa forma o mesmo cultivará o prazer na literatura e nada melhor para essa iniciação no mundo da leitura do que os contos de fadas.

Os quais prendem a atenção das crianças pelo simples fato de narrarem histórias fantásticas nas quais as próprias crianças se imaginam participantes, por se sentirem representadas nas histórias lidas e/ou contadas. Na concepção de Bettelheim (1985):

Os contos de fada têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir por si só. Ainda mais importante: a forma e a estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida (BETTELHEIM, 1985, p. 16).

Um ponto muito necessário nesse processo de formação do leitor é a contação de histórias, esse ato de contar as histórias de forma mais lúdica envolve o aluno, por esse motivo o professor tem a necessidade de ser um bom contador de histórias, precisa buscar maneiras que façam a turma interagir com a leitura. Porém, para que a criança goste do momento da contação de histórias na escola, ela precisa ter esse costume no seu dia a dia. Então, é extremamente necessário que pais e professores ofereçam momentos onde as crianças

aprendam a arte de ouvir, aprendam a gostar de escutar “boas” histórias, pelo simples fato de que para formar um leitor, o mesmo precisa treinar sua audição e assim estar atento às etapas que toda leitura possui: início, meio e fim. Devemos ter em mente que ouvir é uma maneira de ler, a partir das rodas de leituras vai-se desenvolvendo a oralidade do aluno. Como bem afirma Alves (2004, p. 23):

Tudo começa quando as crianças ficam fascinadas com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro. Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam. É a história. A aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras: quando alguém lê e a criança escuta com prazer. A criança volta-se para aqueles sinais misteriosos chamados letras. Deseja decifrá-los, compreendê-los – porque eles são a chave do mundo das delícias que moram no livro. Deseja autonomia: ser capaz de chegar ao prazer do texto sem a mediação da pessoa que está a ler. Num primeiro momento as delícias do texto encontram-se na fala do professor. Usando uma definição de Melanie Klein, o professor, no ato de ler para os seus alunos, é o “seio bom”, o mediador que liga o aluno ao prazer do texto.

Com isso cabe aos professores, especialmente os que atuam na educação infantil, que revejam suas práticas em sala de aula e façam uma boa reflexão se estão trabalhando para a formação de leitores apaixonados pelo mundo da leitura, se estão procurando renovar seus métodos para aproximar os alunos dos livros, e ainda, se trazem à tona a ludicidade e a dinâmica ao contar histórias.

4 UMA IMERSÃO NOS CONTOS DE FADAS: breve análise

Temos uma variedade surpreendente de histórias infantis, histórias belíssimas, divertidas, inteligentes, gosto de várias delas, no entanto, particularmente as mais antigas, há um “tempero a mais”, um encanto diferenciado que atrai, pode ser pelo simples fato de relatar histórias de fantasias que de certa forma se encaixam em nossas vidas, ou por de serem uma outra época, fascinando aqueles apaixonados pelo passado e seus marcos na humanidade; tentar compreender a sabedoria da humanidade ao relatar sobre os propósitos da existência em simples e pequenas histórias e mesmo depois de tantas gerações permanece com a mesma essência.

Ao ler atentamente os contos/lendas de fadas conseguimos fazer ligação entre um e outro, pois ocorrem fatos parecidos e exibem contextos que tem o mesmo fundo moral. Assim como diz Gallo (2000) nos livros temos uma das formas de entender a realidade, uma vez que eles estimulam e desenvolvem em nós uma espécie de diálogo com raciocínio (por meio do refletir); com a inteligência (por meio do aprender) e com nossas emoções e sentimento (por meio de seus personagens).

Considerando esses aspectos a escolha das obras Branca de neve e Cinderela foi devido as semelhanças que ambas têm em comum, as duas personagens centrais se tornam órfãs, a primeira perda familiar delas é a mãe, suas vidas são repletas de sofrimento e humilhações por causa de suas madrastas, assim como, no fim da história vemos que tanto Branca como Cinderela se veem livres das pessoas que as maltratavam e encontram suas felicidades. Os dois contos relatam a vida de duas jovens que não desistiram de lutar e conseguiram seu final feliz, nos ensinando que não há vitória sem luta.

Uma questão que não poderia passar despercebido é o papel da mãe e do pai em alguns contos de fadas, os autores deixam bem claro como esse fato influencia nas consequências vividas por seus filhos, como por exemplo em Branca de Neve e os Sete anões, Cinderela e João e Maria; algo em comum chama a atenção do leitor, a mãe fica ausente, o papel materno sai da história sendo substituído pelo da madrasta, e o interessante é que o personagem do pai não fica sozinho, ele tem a necessidade de ter uma figura feminina cuja a mesma haja com atitudes maternas para com seus filhos. Ao contrário do conto João e o pé de feijão, onde o contexto é diferente e nesse caso é a figura paterna que não está presente, contudo, a mãe de João não busca um companheiro para assumir o papel de pai na vida de seu filho, ela sofre sozinha com João as difíceis intempéries da vida.

Aqui temos dois pontos a serem compreendidos dentro dessa questão abordada no parágrafo anterior, o primeiro é o fato de que as más escolhas dos genitores causam terríveis consequências aos seus filhos, seja isso premeditado ou apenas para sanar uma necessidade humana, no caso dos contos citados é justamente a segunda opção, na qual os pais ficam viúvos e não querem mais sofrer com a falta de suas esposas, neste período, com o psicológico ainda em recuperação do luto decidem começar uma nova vida amorosa, sem ao menos conhecer melhor a pessoa a qual irão se unir, neste momento a história vai nos mostrando o perigo da falta de paciência assim como a falta de cautela para quesitos tão importantes, neste caso a família. De acordo com Bettelheim (1985):

De fato, como a relação da criança com os pais está cheia de problemas, o mesmo ocorre com a relação dos pais com a criança, por isso muitos contos de fadas tocam também nos problemas edípicos deles. Enquanto a criança é encorajada a acreditar que poderá encontrar uma saída das dificuldades edípicas, os pais são advertidos das consequências desastrosas para eles se se deixam aprisionar por elas (BETTELHEIM, 1985, p. 20).

Veja quantas coisas necessárias tomamos conhecimentos através de uma simples leitura ou contação, compreenda como é importante para a criança ter contato com essas histórias para aprender a conviver com determinados fatos que acontecem com ela mesmo ou com seus colegas, afinal de contas grandes mudanças acontecem nas famílias e as crianças muitas vezes se deparam com tal situação difícil e entram em crise por não entender o que está acontecendo.

Algo comum de acontecer, afinal de contas estão na fase infantil, logicamente não compreenderão os conflitos da vida adulta, porém, o que quero ressaltar é que se a criança tem contato com tais histórias ela vai poder ter a possibilidade de fazer um paralelo entre elas e a sua realidade, ficando mais “fácil” de certa forma entender tais situações vividas. E enfatizo, quando falo na necessidade de a criança conhecer tais contos não é com o intuito restrito ao pedagógico, fazendo relação com conteúdos escolares, mas pelo simples prazer de conhecer esse mundo encantador e sábio dos contos de fadas, pois afirma Verunschik:

A criança que ouve ou lê histórias é dotada de um poderoso arsenal simbólico, que é de suma importância para a formação de sua identidade e dos modos que vai estabelecer a comunicação com o mundo em seu entorno (VERUNSCHK, 2008, p. 25).

Com isto vamos para o segundo ponto o qual faz referência ao papel da madrasta nos clássicos literários infantil. Em relação a isso Corso e Corso (2006 p. 300) apontam que: “Poderíamos pensar que a mãe suficientemente narrativa é uma das facetas da mãe suficientemente boa”. Ou seja, como temos uma visão amável, bondosa e admirável de nossa mãe e somos a todo tempo lembrados do seu espírito de sacrifício por nós tendemos a não querer tecer críticas destrutivas a mesma, então partindo desse contexto, os contos de fadas precisaram trazer uma figura na qual pode-se descarregar tais críticas sem atingir diretamente a mãe.

A madrasta, porém, representa uma parte da mãe, se observarmos com cuidado, o papel da madrasta tem seus nuances, ora ela representa a mãe, ora não, mas no instante em que ela o faz é aquele momento em que a figura materna precisa dizer o não, precisa por limites, o que se torna algo “ruim” na visão dos filhos, afinal estão sendo repreendidos ou forçados a seguirem as regras.

Podemos ter essa interpretação da madrasta de acordo com os autores citados, há uma relação entre mãe e madrasta, onde no fundo são partes de uma mesma pessoa, a mãe é aquela parte do carinho, afago, compreensão, ajuda, por outro lado a parte da madrasta é do por limites, treinar para os desafios, dá ordens... logo, no processo de crescimento da criança ou jovem existe o processo de individuação, onde o sujeito vai se tornando mais independente, vai tendo suas preferências e assim se torna diferente da mãe, o que causa certos problemas, quando chega o momento da mãe entender que seu filho é outro indivíduo e precisa ter esse desprendimento para que o sujeito se desenvolva por conta própria, pois o filho não é mais um bebê dependente de tudo.

Contudo os contos de fadas nos fazem refletir sobre um emaranhado de situações cuja finalidade é, como conciliar os desafios e seguir pelo caminho certo em nossas vivências. Em concordância com Gallo (2000), quando ele ressalta que as histórias, diferentemente de qualquer outro tipo de literatura, podem ajudar a criança em sua descoberta de si mesma, de sua identidade, além de propiciar sua comunicação com os demais, uma vez que alimentam a imaginação e estimulam as fantasias.

Em outras palavras, tais histórias ajudam no amadurecimento da criança, contribuindo para sua imaginação. E, como já foi dito, os contos de fadas ensinam de uma forma diferenciada sobre a realidade humana e seus embates particulares e sociais. Fazendo um paralelo a isso e uma espécie de comparação, destaco aqui as relações entre o conto da Branca de Neve e o da Cinderela, ambos com diferentes versões, porém, mesma essência cativante.

De início, em ambos os contos as garotinhas ficam órfãs, sofrendo primeiro com a perda da mãe, em seguida do pai, diante disso são obrigadas a conviver com suas madrastas, as quais agem de forma cruel, mostrando sua inveja, orgulho, vaidade e ódio, chegando ao ponto da madrasta de Branca querer comer os órgãos da princesa, coisa extremamente terrível e sombria.

Depois elas passam a sofrer humilhações, são postas como servas em suas próprias casas, se tornam jovens com marcas psicológicas profundas, pois passaram a sentir na pele o que uma pessoa invejosa e amargurada pode fazer para destruir a felicidade dos outros. Aqui nos é ensinado mais uma moral, a inveja e outros pecados capitais nos transformam em destruidores da nossa própria felicidade e da do próximo.

No entanto, nas duas histórias mostram a superação das moças, ambas passaram pelo vale de lágrimas e no final conseguiram “dá a volta por cima” como dizemos no dito popular, mais uma vez nos é ensinado algo indispensável: sem luta não há vitória, sem esforço não há ganho; mas, faço uma ressalva para o conto da Cinderela, algo gracioso nessa história é justamente a palavra de honra que ela tem, a mãe lhe pediu que fosse forte e corajosa, em outra versão, piedosa e bondosa, e Cinderela cumpriu com isto, o que lhe deu um bom ensinamento, o de ser boa independente se sua família age com maldade, ou seja, não se deixar contaminar pelo mal dos outros.

Sobre isso Bettelheim (1985) vai afirmar “ Isso dá coragem à criança para que não desanime com as dificuldades que encontra na luta para chegar a ser ela mesma. ”(p.25), as duas narrativas citadas acima motivam a criança a lutar por seus objetivos e mostram que as dificuldades vem para todos, cabe a cada um reagir da melhor maneira, se Branca de Neve ou a Cinderela tivessem ficado acomodadas e apenas sofrendo por causa de sua complexa situação, elas não teriam mudado de vida, continuariam na mesmice e humilhação.

Assim são as histórias de fadas, mostrando como a realidade deve ser encarada, por esse motivo é importantíssimo ler tais narrativas, e aqui faço mais uma ressalva, os adultos muitas vezes vedam o prazer da criança ao ler os contos de fadas insinuando que é apenas uma ilusão ou ainda, que não irão ajudar no conhecimento de mundo dos pequenos, pelo angustiante desgaste e pressão da vida adulta, não se tem mais a esperança de vencer tantos problemas, algo deveras errado de se fazer, pois todos os contos de fadas tem sua base da realidade, contribuindo assim para enriquecer o conhecimento da criança.

E o mais bonito é ver que as crianças vivem as histórias, é como se elas estivessem em outro mundo, num planeta onde a fantasia é possível, deveras compreensível, afinal quem não lembra daquela história que os familiares ou a professora contou quando éramos crianças e nos fascinou tanto que até hoje fazemos questão de lembrar?

Então é um dever dos pais e professores ajudarem as crianças a viverem tais experiências e emoções, pois, processo de desenvolvimento infantil não precisa ser tedioso ou angustiante, pelo contrário, Abramovick, fala : “Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas

(bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias...) ” (ABRAMOVICK, 1997, p. 120). Então vamos fazer uso dessa arte com nossas crianças, façamos um belo trabalho apresentando-as a esse mundo da literatura.

4.1 Análise do Conto: a Branca de Neve e os Sete Anões

Um dos contos de fadas mais famosos certamente é o da Branca de Neve e os sete anões, esse conto é de origem alemã e ficou muito conhecido depois que os Irmãos Grimm o reuniram num livro de contos de fadas entre os anos de 1817 e 1822. O que chama a curiosidade do leitor nessa história é, justamente, o fato de que o problema que envolve toda a trama não vem da personagem central, que nesse caso é a Branca de Neve, mas sim de sua madrasta a rainha má.

Se observarmos bem, muitos contos de fadas apresentam problemas da realidade nas figuras das crianças, como por exemplo na história da

Chapeuzinho Vermelho quando a garotinha desobedece sua mãe, o caso se repete no conto do Peter Pan; já em Alice no país das maravilhas a menina nos traz uma reflexão acerca de certas escolhas, amizades e outras nuances importantíssimas na vida, no entanto percebemos que as confusões em que se envolve é por suas escolhas, ao contrário do conto da Branca de Neve, no qual a doce e bela princesa sofre não por suas escolhas, mas sim pela escolha maldosa de sua madrasta.

Esse clássico vem encantando e divertindo gerações há mais de dois séculos e nele vemos claramente que o começo da história retrata a vaidade por parte da Rainha má, a madrasta da princesa Branca de Neve, e essa profunda vaidade que ela possui gera a inveja. Percebemos que a rainha sempre está bem vestida, adornada com joias e brilhantes, sempre mostrando preocupação com o exterior, mas ao mesmo tempo se mostra uma pessoa feia com toda sua arrogância e soberba. A figura da rainha má nos faz refletir um ponto sério no seu comportamento: a falta de amor próprio.

Essa falta de amor por si mesma e pela felicidade do próximo causou-lhe a própria morte. O autor quis deixar essa mensagem explícita em sua obra ao escrever que logo após a rainha ter envenenado a Branca de Neve, veio a sua ruína. A maldosa mulher sempre estava preocupada em ser a mais bela, seja nas versões dos livros ou no primeiro filme infantil que a Disney produziu em 1935 desse conto de fadas; a personagem da madrasta nunca está satisfeita com a resposta do espelho mágico, o seu conselheiro diário, e se deixa envenenar pelo ódio, o qual é o próximo degrau da inveja. Vemos isso acontecer nessa parte do conto:

...- Espelho, espelho, vem já e me diz, quem é a mais linda de todo o país?
O espelho respondeu:

- Senhora Rainha, tu és a mais linda que está aqui, mas Branca de Neve é mil vezes mais linda que todas as lindas que há por aí.

A rainha engoliu em seco, ficou amarela e verde de inveja. Cada vez que ela olhava para Branca de Neve, depois disso, tinha tanto ódio dela que seu sangue até fervia no peito. A inveja e o orgulho cresceram como ervas daninhas dentro do coração da rainha até que ela não conseguia ter um momento de sossego, nem de noite nem de dia. Finalmente, mandou chamar um caçador e disse:

- Suma com essa menina da minha frente. Quero que você a leve para o fundo da floresta e a mate. Para provar que você fez mesmo isso, traga-me os pulmões e o fígado dela...então seu coração invejoso ficou sossegado - se é que um coração invejoso pode ficar sossegado..." (CONTOS DOS IRMÃOS GRIMM, ONLINE).

Por outro lado, vemos a figura da princesa Branca de Neve que é justamente o oposto de sua madrasta, Branca não está preocupada em ser a mais bela ou a mais afortunada, pelo contrário, ela é simples, humilde e alegre, ela dá um contraste na história pois a querida princesa está preocupada em ajudar os outros, passa seu tempo trabalhando e desenvolvendo virtudes, não se interessa em mostrar suas virtudes e sim em praticá-las.

A jovem é o oposto da rainha, sua beleza é um dom dado em recompensa a toda sua bondade, Branca de Neve tem um espírito de trabalho e caridade, vemos isso claramente no momento da história em que ela chega na casa dos sete anões e se propõe logo a limpá-la e colocá-la em ordem, essa atitude mostra a quão generosa é, pois, ela não tinha nenhuma obrigação em fazer tal serviço, ainda mais para desconhecidos.

Sua beleza chamava a atenção de qualquer um, na versão dos irmãos Grimm, até o caçador que é compelido pela madrasta má, não mata Branca de Neve, justamente por causa da sua beleza e inocência:

“...O caçador obedeceu. Levou a menina para a floresta, mas, quando puxou seu facão de caça e se preparava para atravessar o coração inocente de Branca de Neve, ela começou a chorar e disse:

- Por favor, querido caçador, deixe-me viver. Eu fujo para o fundo do mato e nunca mais volto para casa...

Ela era tão bonita que o caçador ficou com pena e disse:

- Está bem, menina, pobre coitada. Fuja!...” (CONTOS DOS IRMÃOS GRIMM, ONLINE).

Cada conto de fadas tem seus ensinamentos, sua base moral digamos assim, no da Branca fica evidente que a trama de toda a história se passa entre a madrasta e seu espelho, a princesa veio ser destaque após o filme na versão infantil e romântica ser produzido pela Disney na década de 30, no entanto, a moral deste conto é fazermos analisar como está nossa relação com o outro, observe que, enquanto o espelho diz o que a Rainha que escutar, tudo está na paz, porém, depois que o espelho diz o que sua dona não gosta de ouvir as coisas mudam drasticamente, o espelho é quebrado, o reino começa a sofrer na governança da Rainha, a princesa Branca é quase assassinada, a mesma passa a ser ameaçada pela madrasta e tudo se torna um caos.

Fazendo um paralelo com a vida real, muitas vezes isso acontece em nossas próprias famílias, quando não trabalhamos nossa humanidade agimos de modo irracional e do mesmo jeito que a Rainha surtou ao saber que não era a mais bela, assim acontece quando descobrimos que não somos o mais inteligente, o mais rápido, rico, habilidoso em tal tarefa, o predileto no círculo familiar, escolar, profissional e social. O ponto reflexivo neste conto é: como estou lidando com aquilo que não quero escutar, ou, no que me transformo quando alguém me diz o que não quero escutar?!

Na história de Branca de Neve existem detalhes que por muitos passam despercebidos (compreensível, até porque na maioria das vezes lemos para as crianças e não iremos fazer uma análise crítica envolvendo as questões psicanalistas do conto com uma criança), um desses detalhes cheios de significado é a parte do conto onde narra que a princesa começa a incomodar a madrasta ao completar seus sete anos de idade. Mas, à medida que Branca de Neve crescia, ia ficando cada vez mais bonita e, quando tinha sete anos, já era tão bela quanto o dia e mais bonita do que a própria rainha (GRIMM, 2023).

Para Bettelheim (2015) os sete anos de idade indica o momento onde a criança atinge a idade da razão, sendo assim ela começa a se desenvolver e amadurecer, chegando a pré-adolescência a menina já começa a dar sinais de sexualidade, seu corpo vai se moldando, sua feminilidade vai perdendo a ingenuidade com o avanço da puberdade, é justamente nesses anos da vida da princesa que a Rainha sente o peso do tempo na sua própria existência. Segundo o autor citado acima:

[...] O narcisismo da madrasta é demonstrado pela busca de confirmação de sua beleza junto ao espelho mágico muito antes de que a beleza de Branca de Neve eclipse a sua. [...] O genitor narcisista é aquele que se sente mais ameaçado pelo crescimento de seu filho, pois isso significa que ele, genitor,

deve estar envelhecendo. Enquanto a criança é totalmente dependente, ela como que continua sendo parte do genitor; não ameaça o narcisismo deste. Mas quando começa a amadurecer e buscar a independência, passa a ser vista como uma ameaça por um tal genitor, como sucede com a rainha em “Branca de Neve (BETTELHEIM, 2015, p. 282-283).

O misto de interpretações dos contos de fadas traz à tona vários questionamentos na sociedade, seja em relação ao público infantil ou adulto, e é explícito que os contos de fadas possibilitam as crianças entrarem em contato com seus problemas mais íntimos, do mesmo modo que conseguem achar soluções para eles de forma mais fácil, e melhorar sua desenvoltura, o que ajuda na vida social.

Com isto pode-se dizer que este maravilhoso e belo conto de fadas é um excelente exemplo de leitura para cativar as crianças no mundo da literatura, a história de Branca de Neve nos ensina como é importante cuidar primeiro do interior para depois cuidar do exterior, assim também como é necessário aprendermos que iremos precisar resolver problemas sem a ajuda de nossos pais, pois a partir do momento que a idade vai avançando, as responsabilidades também, em alguns casos, esses problemas podem vir dos próprios pais.

4.2 Análise do Conto: Cinderela

Os contos de fadas não foram criados à toa, antes de analisar a história infantil e tecer-lhes críticas, é sensato entender o contexto e a época em que foi criada, os contos de fadas são versões modernas dos antigos mitos que ao longo dos séculos fizeram parte do imaginário e da construção civilizacional de diferentes povos, no entanto, os contos de fadas tem a preocupação de trazer ao leitor uma história com final feliz, mostrando que tristezas podem e devem ser vencidas. Segundo Verunschik (2008):

Essas histórias possuem um valor inestimável, pois abrem novas dimensões a imaginação infantil de modo que possam estruturar sua vida mental enriquecida e ordenadamente (VERUNSCHK, 2008, p. 26).

O conto de fadas Cinderela ou para outros, Gata Borralheira, têm muitas versões em diferentes países ou continentes, uma versão muito conhecida é a de Charles Perrault, ele coletou alguns contos e lendas da Idade Média no século XVII na França. Muito tempo depois, no século XIX, agora na Alemanha, os famosos Irmãos Grimm fizeram outro grande trabalho pesquisando e reunindo diversos contos e lendas populares, entre eles a história da Cinderela, outro que é bastante conhecido.

Ao analisar esse conto notamos que ele mostra um caminho de superação, em uma de suas versões antigas, escrita numa época em que as crianças eram tratadas como mini adultos e não se tinha a mínima preocupação do impacto das histórias no psicológico da criança, a história narra algumas atitudes violentas ou macabras e creio, que foi por causa desses detalhes extravagantes que ela se popularizou tanto no mundo.

Porém, muito tempo depois, em 1950 a Disney lançou seu primeiro filme do conto Cinderela e foi um sucesso, contudo não seguiu à risca as versões escritas, produziu uma versão mais romântica, deixando de lado as partes

macabras e sangrentas do conto original a fim de que o público infantil não tivesse problemas em assistir.

O nome Cinderela significa “aquela que veio/surgiu das cinzas”, fazendo jus ao modo como foi tratada pela sua madrasta e “irmãs”. O conto inicia com a família de Cinderela muito feliz quando de repente a mãe morre, esse é um ponto essencial nessa leitura, é a partir desse momento que a ingênua garota sente a maior dor que um ser humano pode sentir: o luto. Algo que chama a atenção do leitor é na parte que se narra o momento anterior da morte da mãe, antes de falecer ela dá mais um de seus conselhos para a filha:

Esta, quando sentiu o fim aproximar-se, chamou a sua única filha à cabeceira e disse-lhe com muito amor:

- Amada filha, continua sempre boa e piedosa. O amor de Deus há de acompanhar-te sempre. Lá do céu velarei sempre por ti. E dito isto, fechou os olhos e morreu (CONTOS DOS IRMÃOS GRIMM, 2023).

Como já foi explicado anteriormente, a literatura infantil, especialmente seus clássicos nos ajudam demasiado a explicar situações inevitáveis na vida para uma criança, na história Cinderela a primeira questão filosófica que as crianças irão se deparar é justamente a perda, a separação de quem mais nos ama e mais amamos.

A narrativa continua mostrando o sofrimento da doce e bondosa moça causado pela sua madrasta e irmãs adotivas, vemos nesse ponto a ênfase na rivalidade feminina, de um lado Cinderela, que passou a ser chamada pelas irmãs adotivas de Gata Borralheira, por dormir perto da lareira e ficar completamente suja de borralho e cinzas; do outro lado a madrasta e suas filhas desajeitadas e extremamente invejosas.

O psicanalista Bettelheim vai se referir a isto escrevendo: “[...] Cinderela, em vez de ser destruída pelos ciúmes fraternos, como sucedeu com os filhos de Édipo, emerge vitoriosa” (BETTELHEIM, 1985, p. 25). Com isso entendemos que a história analisada não traz só a perspectiva romântica de uma jovem mulher que sofre e no final encontra seu príncipe encantado e assim se casam, tal história vai apontar problemas como relacionamento abusivo na família, discriminação, injustiça, trabalho escravo e outros temas.

Mal se cruzou com elas a pobre órfã percebeu que nada de bom podia esperar delas, pois logo que a viram disseram-lhe com desprezo:

- O que é que esta moleca faz aqui? Vai para a cozinha, que é lá o teu lugar!!! [...]E, a partir desse dia, a menina passou a trabalhar arduamente, desde que o sol nascia até altas horas da noite: ia buscar água ao poço, acendia a lareira, cozinhava, lavava a roupa, costurava, esfregava o chão... À noite, extenuada de trabalho, não tinha uma cama para descansar. Deitava-se perto da lareira, junto ao borralho (cinzas), razão pela qual puseram-lhe o apelido de Gata Borralheira. Os dias se passavam e a sorte da menina não se alterava. Pelo contrário, as exigências da madrasta e das suas filhas eram cada vez maiores (CONTOS DOS IRMÃOS GRIMM, 2023).

Diante de tudo isso, Cinderela não perde a esperança de um dia poder ser feliz e viver sem ser humilhada todos os dias. Depois de um tempo isso se realiza na forma de um convite para um baile real no qual todas as moças do reino estão convidadas a verem e falar com o príncipe, o qual está à procura de uma esposa, afinal a linhagem real teria que continuar.

A bela jovem logo se anima para esse evento, mas como conhecemos a história, Cinderela é impedida pela madrasta e as irmãs invejosas e calculistas, a pobre órfã fica desconsolada, pois tinha feito todas as tarefas que sua madrasta tinha peço dentro do prazo, mas mesmo assim aquela mulher agiu friamente e lhe proibiu de ir à festa alegando que a jovem não tinha roupas adequadas e estava suja.

Cinderela angustiada sai chorando, porém, de repente se surpreende com a presença de uma mulher a qual afirma ser sua fada madrinha e vai realizar seu desejo, isso conta a versão de Perrault. Por outro lado, a versão dos Irmãos Grimm apresenta bombinhas brancas no lugar da fada madrinha, as quais ficam na árvore que cresceu no túmulo da mãe de Cinderela.

Fazendo uma ligação com o que acontece no início desse conto quando a mãe fala que vai “velar”, ou seja, cuidar da filha mesmo depois de sua morte, podemos dizer que a personagem da fada madrinha ou as bombinhas brancas dizem respeito a mãe de Cinderela, que tira a tristeza da filha e lhe ajuda a mudar de vida. Vemos aqui a relação do sobrenatural, de algo fantástico que está presente nos contos de fadas.

Na concepção de Todorov (1992) todos os contos de fadas trazem acontecimentos fantásticos dos quais os tornam maravilhosos, e o interessante é o fato de serem tratados como acontecimentos comuns, como por exemplo quando Cinderela fala com os animais ou quando sua “fada madrinha” transforma seus trajes maltrapilhos em roupas de gala, uma abóbora em carruagem ou animais em humanos:

[...] era sua fada-madrinha, que usando de sua varinha mágica, fez surgir um belo vestido com o que sobrou dos trapos rasgados ao chão, depois fez uma abóbora virar uma bela carruagem para Cinderela e seus amigos ratinhos viraram cocheiro e ajudantes da garota, depois entregou-lhe um par de sapatos de cristal[...] (PERRAULT, 2023).

E concluindo, o que não poderia deixar de ser citado é a lição que o sapatinho da Cinderela nos ensina, no conto diz as irmãs adotivas da princesa fizeram de tudo para que o sapatinho de cristal coubesse em seus pés, em uma das muitas versões da narrativa, conta-se que elas chegaram ao ponto de mutilarem seus pés para conseguir ficar com o calçado e dessa forma casar com o príncipe, contudo, as pessoas viram o sangue pingando no chão e o plano das invejosas foi impedido.

Essa atitude nos faz refletir se estamos forçando algo em nossa vida, tentando nos encaixar em determinadas situações porque a sociedade nos pressiona a isso, seja pelos familiares, pelo trabalho, pelo relacionamento amoroso, enfim, será que estamos agindo com as irmãs de Cinderela, querendo algo a força, imaginando que tal coisa irá nos fazer bem futuramente, mas que na verdade irá nos aprisionar e nos decepcionar?

É verdade que a vida nos prega peças e muitas delas dolorosas, no entanto, cabe a nós escolhermos se vamos seguir em frente ou ficar forçando nosso pé num sapatinho que não nos serve, ou porque é muito folgado ou muito apertado. Assim como Cinderela soube a hora de ir embora (a meia noite) porque sabia que se ficasse e não desse ouvidos ao aviso da sua fada madrinha, em outras palavras, se ignorasse a verdade por mais fácil que fosse, o momento iria se transformar num desastre; então é preciso saber a hora de deixar ir, é necessário enxergar o relógio da nossa vida, hora de começar, hora de terminar,

e não nos conformar com situações que a vida nos oferece, pelo contrário, devemos agir como o príncipe, que tinha o palácio cheio de mulheres desejando se casar com ele, porém, o mesmo quis escrever a própria história e foi lutar pelo que queria, não forçou seu pé num sapato que não cabia, (no caso, aqui, era se casar com uma moça que ele não gostava apenas para cumprir regras e fazer a vontade de seu pai, o rei), do mesmo modo é a nossa vida, lutemos pelo que desejamos alcançar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face das referências bibliográficas citadas neste trabalho pude chegar a conclusão da tamanha necessidade em explorar os contos de fadas nas escolas e conseqüentemente em casa também. A literatura infantil oferece grandes tesouros para o desenvolvimento do sujeito, mas às vezes os professores se apegam ao ritmo frenético do campo escolar que está preocupada, na verdade, com números, porcentagens e rendimento em prêmios, e deixa passar a oportunidade de criar memórias nos alunos de algo com significado profundo, um trabalho onde eles aprendam sobre a vida real mesmo que seja através de ficção.

Durante a minha pesquisa para este presente artigo o meu objetivo foi confirmado, descobri diferentes opiniões dos autores especialistas em literatura, todas elas deixando claro o papel dos contos de fadas na vida da criança e como devem ser apresentados ao público infantil de maneira que vá contribuir para o crescimento interior e na prática leitora dos mesmos. Para isso os docentes devem ter um olhar sensível em relação a contribuição dos clássicos literários infantil na vida das crianças, afinal eles são uma ferramenta maravilhosa para começar no mundo da leitura.

Mediante o processo de leitura, é explícito a eficácia dos contos de fadas no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, por este motivo os professores precisam ser alertados para abordarem esse gênero em sala de aula, as escolas devem incentivar o trabalho com os contos de fadas tendo em vista que os alunos irão despertar para o mundo da fantasia, descobrir sobre o mundo sem nem sair do lugar, em apenas uma leitura conhece culturas, religiões, etnias e muito mais. Sem contar que o processo de iniciação no mundo da leitura se dará de forma prazerosa.

Contudo, é bom salientar que o adulto é quem fará essa ponte, apresentando os contos de fadas para a criança, logo não é somente o professor a fazer esse exercício e sim, os pais, eles devem cumprir a responsabilidade educativa de seus filhos, com isso quero dizer que é importantíssimo os responsáveis terem bons livros em casa.

Isto é, é preciso que a criança não tenha esse contato com a literatura apenas na escola, pelo contrário, em casa seja reforçado o hábito da leitura, de ter um momento no dia cuja leitura deleite seja feita; com essas atitudes o desempenho e comportamento do sujeito se transformam. A literatura tem esse poder de transformar vidas, ainda mais quando o processo começa na mais tenra infância.

Diante de tudo que foi abordado aqui, concluo com o pensamento sincero de que os contos de fadas fazem bem a criança e também aos adultos, pois os contos de fadas nunca ficam velhos ou “saem de moda”, quando criança interpretamos de uma forma, quando adultos vemos outras facetas por trás de

simples símbolos ou pequenas histórias sobre princesas, príncipes, bruxas, dragões, duendes, enfim; concordo com o escritor francês Saint-Exupéry quando ele escreveu em 1943: “ Todas as pessoas grandes foram um dia crianças, mas poucas se lembram disso.”

Muitos se esqueceram que um dia foram crianças, tiveram suas histórias favoritas e que a infância tem algo fantástico que nos faz enxergar o mundo com uma lente da esperança e alegria, mesmo com momentos infelizes. E nós sempre carregaremos uma parte da nossa infância, alguns deixam essa parte aflorar vez ou outra para seu bem, outros agem como se nunca tivessem tido.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1995.

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ALVES, R. **O Prazer da Leitura**. In: A Arte do Voo ou a Busca da Alegria de Aprender. Porto: Edições Asa, 2004.

BACK, B. T.; CABRAL, G. Educação pela via da imaginação: os contos de fadas como pilar do aprender imaginativo na perspectiva de GK Chesterton, JRR Tolkien e CS Lewis. **Revista Saberes Pedagógicos**, v. 4, n. 2, p. 83-105, 2020.

BARROS, P. R. P. D. B. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura**. 2013.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. P 11-43.

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª. edição, 1980.

BRESCIANE, A. L. Formadora do Instituto Avisa Lá. **Revista Nova Escola** – Ed. Especial no. 15. agosto 2007.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura?** 6.ed São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHESTERTON, G. K. **Contos de fada não dizem às crianças... G. K. Chesterton**: Contos de fada não dizem às crianças que dragões existem. Crianças já sabem que dragões existem. Contos de fada dizem às crianças que dragões podem ser mortos.. [S. l.], 2005 - 2023. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NjUzMDAx/>. Acesso em: 1 ago. 2023.

CHESTERTON, G. K. **A Educação pelos Contos de Fadas**. Número 1, 2009: 11-14. ed. [S. l.]: “The Chesterton Review (Edição Especial em Português)”, Volume I, ., 11 fev. 2013. Disponível em:

<https://www.sociedadechestertonbrasil.org/a-educacaopelos-contos-de-fadas/>. Acesso em: 1 ago. 2023.

CHESTERTON, G.K. **Contos de fadas e outros ensaios literários**. São Luís, MA: Resistência Cultural, 2013b. 356 p

CORSO, M.; CORSO, D. L., *et al.* **Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis**. 1º. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 325 p. v. 1. ISBN 8536306203.

GALLO, J. E. **A criatividade com a literatura infanto-juvenil**. São Paulo SP: Editora Arte e Ciência, 2000.

GRIMM, Irmãos. Conto Branca de Neve. *In*: GRIMM, Irmãos. **Branca de Neve**. [S. l.], 29 jul. 2023. Disponível em: https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/branca_de_neve. Acesso em: 15 ago. 2023.

MELLO, M. B. de. A importância dos contos de fadas para o desenvolvimento da criança. **Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia)** Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

OLIVEIRA, T. T. P.; FREITAS, M. C. M. A. AS influências de projetos de leitura e contação de histórias no desenvolvimento de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Educação, Ciência E Inovação**, v. 5, n. 1, 2020.

RODRIGUES, F. F.; OLIVEIRA, M. C. F. G.; CRUZ, C. O. A importância dos contos de fadas para o desenvolvimento da personalidade em crianças. **Revista De Trabalhos Acadêmicos–Universo Belo Horizonte**, v. 1, n. 7, 2022.

SILVA, M. A. L.; BARROS, R. B.; NASCIMENTO, T. A. M. **A importância dos contos de fadas na educação infantil**. 2012.

SOUSA, V.; FRANÇA, S. A.; BARRETO, H. A **Abordagem Literária no Instituto Béradêro: técnicas e estratégias que dinamizaram o processo**. III ENLIJE, ISSN 21776911, 2010.

VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1999.

ZIEGLER, M. F. Literatura Infantil. **Revista Nova Escola** Ed. Especial no. 15, (agosto, 2007).